



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS**

JANAINA DELANE

**A IMPORTÂNCIA DA CASA DE REZA “OPY’I PARA A PERMANÊNCIA DA
IDENTIDADE DOS INDÍGENAS GUARANI NA ALDEIA PALMEIRINHA DO
IGUAÇU (PR): T.I MANGUEIRINHA**

**IPORÃ VA'E MA OPY'I JAREKOA NHAMOMBARAETE AGUÃ OJEXAKUAA
MBYA RAMI TEKOA PALMEIRINHA DO IGUAÇU PY IKUAI VA'E.**

LARANJEIRAS DO SUL

2021

JANAINA DELANE

**A IMPORTÂNCIA DA CASA DE REZA “OPY’I PARA A PERMANÊNCIA DA
IDENTIDADE DOS INDÍGENAS GUARANI NA ALDEIA PALMEIRINHA DO
IGUAÇU (PR): T.I MANGUEIRINHA**

**IPORÃ VA'E MA OPY'I JAREKOA NHAMOMBARAETE AGUÃ OJEXAKUAA
MBYA RAMI TEKOA PALMEIRINHA DO IGUAÇU PY IKUAI VA'E.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito parcial para
obtenção de grau de Licenciada em Educação
do Campo: Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientador: Prof. Dr. Fabio Pontarolo.

LARANJEIRAS DO SUL

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Janaina Delane

A IMPORTÂNCIA DA CASA DE REZA ?OPY? I? PARA A
PERMANÊNCIA DA IDENTIDADE DOS INDÍGENAS GUARANI NA
ALDEIA PALMEIRINHA DO IGUAÇU (PR): T.I MANGUEIRINHA:
IPORÃ VA'E MA OPY'I JAREKOA NHAMOMBARAETE AGUÃ OJEXAKUAA
MBYA RAMI TEKOA PALMEIRINHA DO IGUAÇU PY IKUAI VA'E /
Janaina Delane . -- 2021.

44 f.

Orientador: Doutor Fabio Pontarolo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:
Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR,
2021.

1. Guarani Mbya. 2. Casa de reza. 3. Cultura. 4.
Identidade. 5. Território. I. Pontarolo, Fabio, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JANAINA DELANE

**A IMPORTÂNCIA DA CASA DE REZA “OPY’ I” PARA A PERMANÊNCIA DA
IDENTIDADE DOS INDÍGENAS GUARANI NA ALDEIA PALMEIRINHA DO
IGUAÇU (PR): T.I MANGUEIRINHA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 11/10/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr Fabio Pontarolo – UFFS
Orientador



Prof.^a Dr^a Maria Eloá Gehlen– UFFS
Avaliador



Prof.^a Dr^a Fernanda Marcon – UFFS
Avaliadora

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende identificar e analisar o papel da casa de reza para a preservação das tradições culturais do povo indígena Guarani Mbya, investigando a história dos costumes cultivados até hoje nesse território. A pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena de Mangueirinha, na aldeia Guarani Palmeirinha do Iguaçu, localizada no Município de Chopinzinho PR. Identificamos evidências de que a espiritualidade vem se modificando através dos tempos, o que inclui a casa de reza e seus rituais de modo geral. Nesse sentido, o foco principal da pesquisa foi entender como a fé nos seus costumes colaborou para a permanência da cultura Guarani Mbya até os dias atuais. Dessa maneira, o trabalho buscou entender, através da metodologia de entrevistas da História Oral, como a cultura Guarani Mbya se encontra presente na fé e na espiritualidade desse povo indígena na atualidade. A partir disso, percebe-se que a espiritualidade se mantém viva mesmo com todas as transformações ocorridas dentro da própria cultura Guarani Mbya. Por fim, com a pesquisa pudemos concluir que, mesmo com tantas mudanças culturais trazidas pela sociedade não-indígena, a casa de reza contribuiu para a permanência da identidade e da cultura Guarani Mbya, se apresentando como um local religioso de resistência e preservação cultural.

Palavras-chave: Guarani Mbya. Casa de reza. Cultura. Identidade. Território

NHEMOMBE'UA

kova'e tembiapo ma curso py ojejapo va'e oikuapota rã mba'exapa opy'i re omomba he'ỹ aguã teko regua aỹ peve ojejapo va'e apy kova'e tekoa re. Kova'e pesquisa ma ojejapo Terra Indígena Mangueirinha py, tekoa Guaraní Palmeirinha do Iguaçu py, kova'e tekoa ma opyta Municipio de Chopinzinho re. Roexa va'e ma ojeroviaa ovave ovy ko'ẽ nhavõ ara nhavõ, mba'exa pa opy'i rupi mba'emo'i oĩ va'e ha'e javi. Ha'e ramivy ma, pesquisa gui ojejapo va'e ma oikuapota aguã mba'exapa ojeroviaa ojaopopy oiko ra'e, okanhy he'ỹ aguã aỹ peve. Ha'e ramivy ma, kova'e tembiapo ma oexapota rã, entrevista ojejapo ma ramo mba'e he'ipa ra'e, teko re ijayvu ma ramo Guaraní Mbya rekopa mba'exa teripa oĩa, aỹ peve mba'exapa ojejapo ra'e ojeroviaa rupi ikuai aguã. Ha'e rire ma,jaexa va'e rã ma ojerovia ma aỹ peve imbaraete teri hekovia ovy teĩ peteĩ teko rami he'ỹ ramo jepe Mbya reko py katuve ma ikuai teri aỹ peve. Opa vy ma, pesquisa py jaikuaa rã ma,ovave ovy teĩ aema Teko Jurua kuery mba'emo rei py ogueruve teĩ aema, opy'i ma oexauka mbaraetea opa he'ỹa Mbya rami ijekuauka aguã, ha'e py ma imarae'ỹ va'e ha'e tekove mbaraetea ha'e tekove me'ẽa.

Ayvu ijypya: Guaraní mbya. opy'i. Tekove. Jajekuaa. Yvy marae' y.

ABSTRACT

This course conclusion work intends to identify and analyze the role of the house of prayer for the preservation of the cultural traditions of the Guarani Mbya indigenous people, investigating the history of customs cultivated until today in this territory. The research was carried out in the Indigenous Land of Mangueirinha, in the village of Guarani Palmeirinha do Iguaçu, located in the municipality of Chopinzinho PR. We identified evidence that spirituality has been changing over time, which includes the prayer house and its rituals in general. In this sense, the main focus of the research was to understand how faith in their customs contributed to the permanence of the Guarani Mbya culture to the present day. Thus, the work sought to understand, through the methodology of interviews in Oral History, how the Guarani Mbya culture is present in the faith and spirituality of this indigenous people today. From this, it is clear that spirituality remains alive despite all the transformations that have taken place within the Guarani Mbya culture itself. Finally, with the research we were able to conclude that, even with so many cultural changes brought about by the non-indigenous society, the prayer house contributed to the permanence of the Guarani Mbya identity and culture, presenting itself as a religious place of resistance and cultural preservation.

Keywords: Guarani Mbya. House of prayer. Culture, Identity. Territory

Dedico esse trabalho para a minha amada mãe Marli Delane por todo apoio, carinho e incentivo dado durante a graduação a minha vó Cleusa Gargtanh de Fátima Delane que também não mediu esforços para me ajudar em toda a minha vida e que ficaria muito feliz com minha formação. Dedico também esse trabalho ao meu povo Guarani que durante muitos anos vem lutando e resistindo para manter a cultura viva.

Agradeço primeiramente a minha mãe Marli Delane por tudo que fez por mim por todo o carinho, educação, paciência e por acreditar que eu conseguiria eu amo você infinitamente. Agradeço aos meus irmãos Wagner, Jonas, Larissa e Carlos. A Minha tia Jaine que sempre me ajudou quando mais precisei a minha afilhada Jasmim e sobrinha Emilly, gratidão por estarem sempre comigo e fazerem parte da minha vida.

Agradeço em especial meu companheiro Odivam Franco da Silva que em todo o momento esteve ao meu lado me dando apoio incondicional enfrentando as dificuldades e me incentivando sempre.

Agradeço aos meus colegas do curso e a todos os professores por toda a contribuição e carinho e que de alguma forma agregaram em minha formação. Ao meu excelente orientador Fábio Pontarollo por toda a paciência e incentivo prestado, muito obrigada!

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	10
II. CAPÍTULO I: A Casa de Reza e a Identidade Guarani.....	17
III. CAPÍTULO II: A dança e outros traços culturais.....	22
IV. CAPÍTULO III: Relatos da importância da Casa de Reza	28
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	36
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
VII. APÊNDICES:	43

I. INTRODUÇÃO

O tema escolhido nesse estudo se deu pela necessidade de apresentar um trabalho sobre a minha etnia, compartilhando e mostrando uma das principais ou a principal ferramenta utilizada nos dias de hoje para preservação da cultura Guarani Mbya. A casa de reza pode ser entendida como um espaço bastante utilizado para resistência dos povos indígenas Guarani desde o período dos Jesuítas. Tenho como objetivo explicar sua importância para que outras pessoas “não indígenas”, e mesmo os próprios indígenas, respeitem esse lugar conhecendo sua complexidade e sua história.

A casa de reza se apresenta como um dos mais importantes aspectos de diferenciação da cultura Guarani em relação às demais etnias. Nesse sentido, temos esse local cultural como uma característica própria do povo Guarani, simbolizando um ambiente de bem estar com o espírito e de preservação da cultura do meu povo. Por esse motivo, é muito importante o estudo de algo que nos faz únicos e que ao mesmo tempo contribuiu para nossa resistência a tantos massacres vividos e que ainda enfrentamos nos dias atuais.

O local da pesquisa é a aldeia Palmeirinha do Iguaçu, uma comunidade indígena localizada dentro da terra Indígena de Mangueirinha, onde residem duas etnias: os Guarani e os Kaingang. Ao todo, as duas etnias possuem aproximadamente 120 famílias nessa aldeia indígena. Para os indígenas Guarani Mbya da aldeia Palmeirinha a casa de reza sempre foi um lugar de importância para todos da comunidade, pois é nesse local que eles se sentem livres para compartilhar histórias, mitos, lendas etc. Sobre a cultura, as crianças aprendem na casa de reza de maneira informal e divertida, com muito interesse e dedicação, partindo de si mesmos e sem conteúdos obrigatórios tal como no ensino da escola tradicional não indígena.

Os mais velhos, os Xeramoĩ das aldeias, são as pessoas mais respeitadas e admiradas: aquelas que possuem uma diversidade de conhecimentos adquiridos no decorrer de suas vidas como objetivo do ensinamento aos mais novos. Os jovens obtêm a voz dentro da casa de reza com a autoridade o Pajé. Neste sentido, acreditamos que a presente pesquisa é relevante por buscar apresentar o significado valioso que esse espaço “opy`i” possui para o povo

Guarani. Estudando a história desde sua construção dentro da aldeia, pretendemos entender a contribuição que a casa de reza proporcionou e proporciona para o bem estar espiritual das pessoas que frequentam esse lugar.

Como estudante universitária indígena Guarani Mbya, consigo compreender a influência que a religião cristã teve em vários aspectos na vida dos povos indígenas do Brasil. Considero que povo Guarani conseguiu, mesmo com a influência cristã, utilizar a casa de reza como um espaço de transmissão do conhecimento originário do povo. A casa de reza se apresenta com uma ferramenta para continuidade e preservação da cultura do meu povo, pois são nesses espaços que os Guarani podem fortalecer sua fé. Diferentemente de outros espaços da aldeia, a casa de reza é um lugar frequentado diariamente e respeitado por todos.

O trabalho apresenta a hipótese de que a casa de reza constitui uma ferramenta fundamental para a permanência da identidade do povo Guarani Mbya. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa está em compreender o porquê desse local ter tanto significado para a permanência da identidade dos indígenas da etnia Guarani. Como objetivos específicos, pretendemos aprofundar a investigação da cultura, costumes e acontecimentos fundamentais da cultura Guarani ocorridos e praticados nesse espaço, apresentando um pouco da história da casa de reza e suas principais crenças. Nesse sentido, vamos apresentar no primeiro capítulo a Casa de Reza e seus rituais desde de seu surgimento dentro da comunidade Guarani Mbya da Aldeia Palmeirinha do Iguaçu, buscando entender o significado de identidade e a religiosidade dentro dessa sociedade.

No segundo capítulo apresentamos e discutimos a dança e outros traços culturais Guarani que se interligam como elementos complementares da identidade e da cultura Guarani presentes na Casa de Reza.

O terceiro capítulo da pesquisa foi realizado a partir do estudo etnográfico, com a realização de questionários mediante a observação, além da História Oral, utilizando perguntas geradoras direcionadas a membros da comunidade Guarani frequentadores da Casa de Reza. Dentro do referencial teórico dessa pesquisa, entendemos que a espiritualidade sempre esteve presente na cultura Indígena Guarani antes da invasão de seus territórios e também ao longo do processo de

evangelização. Muitas etnias acabaram sendo dizimadas, e com elas muitos “Deuses” se perderam ao longo da história. As novas gerações tiveram prejuízo no conhecimento de suas raízes e na fé originária do seu povo, lutando diariamente pela manutenção da cultura se baseando em trabalhos de não-indígenas para conhecer de alguma forma a história de seus antepassados.

A respeito da religião das etnias indígenas do Brasil, as consideramos bastante peculiares, tendo como deuses natureza e tudo que está nela, respeitando e convivendo de maneira harmoniosa nas comunidades. Os Guarani Mbya até a atualidade procuram manter a ligação com os Deuses em seus territórios:

[...] os modos em que vivem e realizam conexões da sociabilidade com suas representações metafísicas e através de um modo de viver muito relacional compreendido em suas acepções ritualísticas de frequência à casa de reza, uso sacramental do tabaco, rituais de batismo, a instância dos sonhos como mensageiros dos deuses, entre muitas outras ações existentes entre eles, que dão o testemunho diário de suas aturadas e duradouras fidelidades para com suas vivências que comprovam o complexo fundamento das ecologias Guarani de vida. (CORRAINI, 2017, p. 57).

O modo de vida de coletividade e conexão com a natureza, apesar das várias transformações na sociedade brasileira, se mantém viva e com uma forte resistência. Os Guarani Mbya utilizam a palavra Nhandereko para diferenciarem se de outras etnias. A tradução da palavra indígena significa o modo de ser e se viver Guarani. Durante o processo de catequização dos indígenas, esse modo de vida Guarani serviu como resistência do povo nativo para se fortalecer, presente durante todo esse período até nos dias de hoje. O significado dessa palavra traz consigo, em sua pronúncia, um misto de sentimentos de uma particularidade em ser indígena de uma determinada etnia e uma maneira de se conectar com a espiritualidade:

[...] entre os seus sub-grupos, um modo peculiar de ser, assumido e proclamado como uma identidade realizada como um sistema ancestral de crenças destinado a conduzir tanto a história de um povo quanto a conduta cotidiana de cada uma de suas pessoas, é definido como uma religião. [...] (BRANDÃO, 1988, p.59).

Antigamente, antes da invasão do Brasil, outra crença bastante presente entre os indígenas Guaranis é a Terra Sem Mal, que consistia numa busca pelo território sagrado: um lugar onde os indígenas viveriam de uma forma livre e com respeito à natureza, havendo nesse território a possibilidade de subsistência; seria um sistema de vida com harmonia em um lugar sagrado. Os Guaranis buscavam pelo território ideal e passavam vários anos, até mesmo a vida inteira à sua procura, acreditando fielmente no paraíso na terra:

[...]buscam através de uma viagem _ solidária e ascética, tribal e nômade atingir ao mesmo tempo o kandire, a perfeição de si mesmo através do domínio do rito da palavra e da dança do controle ascético do corpo e do espírito, e *yvymaney*, o lugar paraíso isento do mal. [...] (BRANDÃO, 1988,p.66, grifos do autor).

Os indígenas Guarani mantinham a crença de que encontrariam um território livre do mal, e com a chegada à terra desejada conseguiriam a felicidade e manteriam a conexão com a natureza: uma relação de respeito e com gratidão. Várias interpretações referentes à Terra Sem Mal surgiram ao longo da história por autores que buscaram entender o significado e a origem da busca dos Guarani pelo território tão almejado. Existem duas teorias mais debatidas, a princípio, para a compreensão do desejo coletivo dos subgrupos Guarani, sendo eles os Guarani Mbya, Kaiowá e Nhandeva pela viagem a Terra Sem Mal, todos com o principal objetivo que é a tentativa de interpretação e compreensão da procura insaciável dos indígenas por uma vida digna e construída em um território sagrado livre do mal.

Os Guaranis, por toda a sua existência, tiveram a procura da Terra Sem Mal, mesmo antes dos europeus invadirem o Brasil. Em relação aos Tupi Guarani existem relatos de que “a mais antiga migração relatada é de 1539, quando 14000 Tupi brasileiros foram para o Peru e por cerca de dez anos procuraram o reino da morada” (CORRAINEI, 2017, p.58). O desejo e a esperança por uma terra sagrada reabastecia a força espiritual dos indígenas Guarani para continuar a procura da terra desejada.

O pensamento e a crença por um lugar ideal sempre estiveram presentes no pensamento das famílias e de todo o povo Guarani. Esse desejo

se dava pela religiosidade na crença pelos Deuses que os guiariam para um território sagrado, e nesse espaço seria possível suprir todas as necessidades de subsistência, com terras férteis para o plantio, animais para a caça, rios para a pesca entre e meios naturais utilizados para a sobrevivência. Seria um lugar sem males, com a oportunidade de uma vida digna e muita riqueza espiritual:

[...] Hélène Clastres defende que as migrações Guarani em busca da Terra Sem Mal teriam sido antecedentes à chegada dos portugueses e espanhóis e, como vimos, teriam encontrado os Guarani livres de opressão de outras tribos vizinhas ou de previsões da natureza. [...].(BRANDÃO, 1988, p.4).

Em oposição a essa interpretação, há autores que alegam que essa crença em uma Terra Sem Mal só teve sua origem posteriormente à chegada dos colonizadores, e que foi devido à interferência e a modificação dos mesmos no território tradicional Guarani que os indígenas passaram a buscar esse distanciamento, na tentativa de procurar um território não afetado e desconhecido dos não-indígenas.

[...] Meliá: YvyMaraney, a Terra Sem Mal, na verdade, é um lugar do solo intacto, o espaço ainda não edificado, não transformado pela mão do homem de terra da natureza em local de cultura. **Ca Maraney** é o nome dado ao monte de que ainda não foi tirada a madeira e que não foi, igualmente, trabalhado. É a floresta, o lugar ancestral de uma tribo de caçadores, pescadores e coletores. (BRANDÃO, 1988, p.65, grifos do autor).

Nesse sentido, a crença dos indígenas se dá pelo território intocado. Esse território seria mais próximo do natural possível, inabitado por não-indígenas e com recursos para a sobrevivência do coletivo Guarani.

A partir da chegada dos europeus a vivência dos indígenas se modificou, se tornando incômodo esse convívio e interação com os não-indígenas. A forma de vida foi se transformando, e o pensamento europeu, voltado para a soberania nos territórios coloniais, acabou por negar a diversidade cultural do indígena, recusando-se a entender e conhecer as diferentes visões do mundo e os divergentes meios de subsistência dos indígenas do Brasil. Com a negação da cultura, surgiu o desejo de procurar uma terra livre do mal gerado pelo contato com os não-indígena:

[...] Noemi Dias Martinez acentua, os Guarani em nada se diferenciam de outras tantas tribos e nações de índios nômades, caçadores das florestas da América do Sul. Somente depois de submetidos ao poder colonial da conquista, conduzidos contra a vontade à **redução** ou à **encomenda**, é que os Guarani transformaram um lugar conhecido da natureza – a floresta – em um local desejado da religião: uma terra desconhecida, mas simbolicamente real além de tudo e, mais do que tudo, dos podres da presença maléfica dos homens brancos. Assim, a terra sem brancos, lugar ancestral de caça, passa a ser o lugar místico da negação de todos os males, a começar pelo mal da morte. (BRANDÃO, 1988, p.67, grifos do autor).

Nesse processo de afastamento dos não-índigenas foi se criando uma crença em um território sagrado, alimentando a esperança por uma vida onde a presença dos não-índigenas não seria uma ameaça ao viver livremente, sem restrições na natureza. Com a catequização dos índigenas no Brasil e as novas formas de se viver na sociedade imposta pela sociedade ocidental aos índigenas, ocorreu uma mistura cultural onde os índigenas Guarani incorporaram algumas crenças do cristianismo e utilizaram para o seu modo vida no seu dia a dia. Nos dias de hoje, a Casa de Reza apresenta sinais desse contato dos índigenas com os europeus. Porém, a manutenção das tradições Guarani se apresenta uma característica fundamental desse espaço.

A Casa de Reza constitui um espaço que faz parte da cultura Guarani, mas nem sempre foi assim. Como os jesuítas queriam catequizar os índigenas, os religiosos se utilizaram de várias estratégias para atrair os povos tradicionais para a cultura cristã europeia. O povo Guarani, em particular, sempre foi resistente, enganando os padres e os deixando acreditar que tinham se convertido à religião cristã, mantendo suas formas tradicionais de espiritualidade quando não estavam sendo observados.

Nesse sentido, os índigenas da etnia Guarani preservam uma forma de viver muito ligada a espiritualidade a natureza: “É um povo que vive uma espiritualidade muito forte e peculiar, pois as suas práticas sagradas são realizadas todos os dias” (ZOCCOLLI; CASTANHEIRA, 2012, p.390). Todas as noites, na Casa de Reza, são realizados momentos para agradecer e fazer pedidos a Nhanderu, fortalecendo dessa forma a fé Guarani.

Os índigenas são divididos em várias etnias e cada etnia tem seu modo de viver e entender a natureza. Ou seja, cada etnia tem sua cultura, embora

muitos traços culturais sejam similares. O povo Guarani se divide em três etnias diferentes, sendo elas Mbya, Nhandeva e Kaiowa, tendo como algo em comum a Casa de Reza. De acordo com Faustino (2012, p.253):

Aopy tem grande significado para os Guarani. É feita com madeira sagrada, como o cedro, e é, tradicionalmente, o local da prática da religião e de encontros em que crianças e jovens aprendem as tradições [...] (FAUSTINO, 2012, p.253).

São esses os espaços sagrados e únicos que ainda existem hoje, e que proporcionam para os Guarani autonomia para se sentirem bem com sua espiritualidade, além de se apresentarem como uma forma de luta e resistência. Na Casa de Reza o povo Guarani se sente “livre” para agradecer e fazer pedidos a Nhanderu (Deus). Esse local sagrado, antes dos indígenas terem acesso à assistência médica fora da aldeia, também tinha o papel de “curar”. Em consonância com Barros:

Além de conduzirem os rituais na casa de rezas, os rezadores eram também os responsáveis por realizar diferentes tipos de curas dentro da aldeia. Os doentes eram sempre levados para a casa de rezas, onde ficavam sob os cuidados da família e dos rezadores. [...] (BARROS, 2003, p.73).

Nesse local também ocorrem danças, cantos e outros ritos e costumes indígenas dos povos Guarani, deixando nítida a importância desse lugar para o povo e também para a permanência de sua identidade. Nesse sentido, o primeiro e o segundo capítulo desse trabalho são destinados a aprofundar as principais características da Casa de Reza e da identidade cultural Guarani Mbya. Como já relatamos, na sequência, o terceiro capítulo apresenta entrevistas com moradores da Aldeia Palmeirinha do Iguçu, buscando entender o significado de identidade e a religiosidade dentro dessa sociedade.

II. CAPÍTULO 1

A Casa de Reza e o tempo Guarani

A identidade indígena Guarani possui um diferencial ligado à religiosidade dentro da Casa de Reza. Essa crença, nos dias de hoje dá suporte para os indígenas continuarem lutando e se fortalecendo para atingir seus objetivos de vida.

O indígena Guarani também se caracteriza pelo porte e fabricação de um objeto que está intrinsecamente ligado à sua história e à Casa de Reza: o cachimbo, conhecido popularmente pelos indígenas como petyngua. Esse é seu maior símbolo na atualidade, caracterizado como essencial pela etnia por fazer parte do cotidiano do indígena Guarani em qualquer espaço que ele esteja presente, sendo utilizado como uma marca de seus costumes: “Quanto ao significado e sentido do petyngua somente quem é karai (homem Guarani) ou kunhã karai (mulher Guarani) saberá explicar com profundidade, mas para compreender, sentir e entender terá que ser uma pessoa Guarani” (SILVA, 2015, p.8). : Como descreve Belarmino da Silva de forma mais detalhada: “O petyngua é um companheiro dos Guarani que dele fazem uso. O principal lugar é a opy, a casa de rezas, mas também é usado nos pátios, nas casas, nas roças, na mata[...]” (SILVA, 2015, p.8).

A compreensão da concepção ou conceito do petyngua apenas quem o utiliza cotidianamente consegue transcrever o sentimento, e somente quem é indígena Guarani compreende plenamente. O cachimbo, com sua representação única para as famílias indígenas Guarani, se mostra como um objeto com um significado que foge da explicação humana. Representa um companheiro do Guarani em todos os momentos do dia:

O petyngua é muito usado ao redor do fogo, quando há conversas com os mais velhos, nos rituais e para expressar o pensamento para a família e para a comunidade. Seu uso se dá entre os Guarani Mbya, sendo um elemento fundamental e importante para manter a tradição do povo (SILVA, 2015, p.7).

Outra simbologia que está ligada aos indígenas nesse processo de colonização é a musicalidade, que hoje se mantém como uma característica da

cultura indígena na atualidade. A música se apresenta como uma marca da etnia Guarani e também integra os rituais que acontecem nas Casas de Reza, frequentemente ocorrendo à noite e de forma espontânea. Seria um encontro voluntário, e desta forma se torna legítima, pois, a uma entrega individual e coletiva para esse momento.

Algumas das características acima citadas estão diariamente presentes na vida do povo indígena Guarani, e conseqüentemente estão ligadas ou são utilizadas no Opy`l. Nesse sentido, se revelam essenciais para o bem viver de cada indivíduo e do coletivo Guarani, e apesar do contato com o europeu, mantém a cultura viva entre o seu povo. A cultura indígena Guarani, mesmo com essa transformação e essa renovação com o passar dos anos, não deixou e não deixa de ser legítima e necessária, continuando com o mesmo valor representativo:

Conhecimento e ação são movimentos constantes, processos que se acumulam e se desenvolvem, seguindo o correr do tempo: reafirmações, ajustes, transformações e inovações. Cosmologia e seus mitos associados são produtos e são meios da reflexão de um povo sobre sua vida, sua sociedade e sua história. Expressão concepções e experiência. Constróem-se e se reconstrói-se ao longo do tempo, dialogando com as alterações trazidas pelo fluir do tempo, pelo circular em novos espaços, pelo contracenar com novos autores. (SILVA, 2015, p 76).

A comunidade indígena tem resistido ao longo do tempo às inúmeras formas de extermínio de sua cultura. Com o passar do tempo houve uma adaptação dos costumes, mais isso não significa que essa modificação tenha sido um prejuízo à cultura, mas sim uma maneira de sobreviver às mudanças trazidas pelo contato.

A Casa de Reza é sinônimo de transmissão de energia, renovação e aproximação de suas origens para a cultura Guarani, entre todos os seus subgrupos étnicos. Consiste num território diferenciado, com uma simbologia marcada por um respeito coletivo. O significado e a consideração que a comunidade deposita nesse espaço é perceptível até mesmo nos indígenas que não são frequentadores da Casa de Reza (por ter outra crença ou ser oriundo

de outra etnia). Sem esse fato importante, esse espaço seria apenas uma casa dentro da aldeia, como tantas outras.

Porém, ao falarmos da Casa de Reza, não se trata somente de um lugar sagrado, constituindo também como o ponto de referência para a comunidade. A principal característica desse espaço além dos rituais, é a de ser também um espaço de tomada de decisões importantes, como a escolha do cacique e outras demandas da comunidade.

A Casa de Reza possui uma maneira tradicional de ser estruturada: em sua maioria ela é construída de frente para o nascer do sol, para a frente da Opy´ i ser iluminada logo pela manhã. Mesmo nos dias de hoje ela continua seguindo esse mesmo planejamento dos ancestrais. Antigamente elas eram construídas totalmente de folha de palmeira, tanto as paredes como o telhado. Basicamente tinham toda a sua estrutura feita por folhas secas da palmeira. Nos dias de hoje a maioria das Casas de Reza são construídas com paredes de madeira de pinheiro e telhas de braselit. Essa construção é realizada pelo coletivo dos indígenas Guarani, que se juntam para executar o trabalho.

A Casa de Reza não possui janelas como uma casa normal de moradia ou como outras estruturas utilizadas como espaços de fé. O Opy´ i não tem janelas pelo fato de pretender manter a energia sobrenatural dentro da casa: essa energia é representada na maioria das vezes pela utilização do cachimbo, que é um objeto de grande importância histórica e cultural para o povo Guarani. Ou seja, o intuito dos Guarani de não inserirem janelas na Casa de Reza é para que, através das ações realizadas nesse lugar, se mantenha toda a positividade das ações desenvolvidas no ambiente. Essa energia que se apresenta no local é resultante do canto, das danças, da fumaça do cachimbo, do ritual em si.

Na *opy´ i*, a reza se faz por meio de falas emocionadas que os xamãs rezadores ou rezadoras dirigem aos deuses. É no canto de alguns donos e donas de *mboraei* (a forma mais elaborada de canto-reza *mbya*) acompanhados por coro de vozes e danças em uníssono que se formam ali mesmo, com mulheres, crianças, rapazes que se levantam e se juntam no centro da casa (PISSOLATO, 2020, p.11).

O pajé, nesse ato, transmite a “benção” de Nhanderu. Acredita-se que a Casa, - sem janelas na hora dos rituais e com a porta fechada em todo o período

dos rituais -, pode manter toda as coisas boas nesse espaço. Através do cachimbo, com a fumaça, tudo que é benéfico se mantém dentro da Casa de Reza.

O ritual tem um significado muito amplo em qualquer lugar que esteja sendo realizado. Muitas pessoas o realizam para se sentirem bem, renovar-se espiritualmente ou até mesmo pelo bem-estar coletivo. A princípio, tem uma forma correta de ser realizado. Entretanto, dependendo da etnia, pode ser feito e organizada de outras maneiras e, mesmo com diferenças, mantém a representatividade e o seu significado:

[...]Em muitas sociedades indígenas, o ritual é o momento mesmo da inserção da humanidade no universo mais amplo; é o lugar mesmo da confluência e da presença concomitante do sobrenatural, da natureza e da humanidade[...]. (SILVA, 2000, p 76).

Para o povo indígena Guarani o ritual é uma maneira de se ligar com o mundo e tudo que existe nele: uma maneira de se comunicar com os ancestrais, se fortalecendo dessa força para a vida. O ritual não nos priva do conhecimento, mas nos liberta para a conectividade com o mundo sobrenatural: constitui uma forma de se identificar com a sua essência e com sua identidade.

Nesse sentido, apresenta sentidos de algo necessário a todas as culturas indígenas presentes na atualidade, pois representa a crença do individual e do coletivo por algum hábito de seus antepassados, e de certa forma os renova espiritualmente através desses momentos da crença religiosa Guarani. A estrutura da Casa de reza é marcada pela grande capacidade de comportar pessoas. Acredita-se que esse espaço foi se adequando ao longo do tempo e hoje não tem um formato próprio nem um tamanho exato, mas mantém a mesma função do passado.

O tempo Guarani

O mundo para o indígena Guarani possui diversas interpretações, dependendo de vários fatores. Entre esses fatores está o contato com outros povos e a sua necessidade e se localizar no período vivido. Cada povo tem sua crença e sua maneira de ver o mundo a partir de sua materialidade: um exemplo

disso seria um povo que baseia seu marco temporal a uma determinada fruta que só existe em uma determinada estação do ano. Se outro povo não tem essa variedade ou essa determinada estação do ano, não significa que não teve esse período marcado, mas sim que marcou esse período baseando-se em outra fruta, caça ou coleta. Entretanto, todos os povos, independentemente de quais fossem e onde vivessem, sempre tiveram esboço de uma marcação temporal:

As passagens, bem como as representações ou as significações do e sobre o tempo, deixam inúmeras marcas ou sinais: dia/noite; floração; envelhecimento; marés; crescimento de animais e vegetais; mudanças no céu, nas condições do meio ambiente, etc. – ciclos, calendários e memória. De forma que, conforme assegura Castoriadis (1992), cada sociedade cria, para si mesma e consubstancial ao seu modo próprio de ser, um tempo que lhe é próprio e que lhe confere a sua especificidade no conjunto das demais sociedades (BORGES, 2002, p.106).

Tanto com relação às horas ou às estações do ano, cada povo indígena vive em sintonia com a sua verdade, ou seja, com a sua percepção de vida no mundo, respeitando as tradições e passando para os mais novos o conhecimento sobre a vida. Para o indígena Guarani Mbya o tempo ocorre em duas fases: no primeiro momento é o tempo novo *ara pyavu* (verão) no segundo o tempo velho *ara ymã* (inverno), fundante de sua existência, pois é ele que determina, a partir de sua interpretação, qual é o tempo certo de plantar, coletar e até mesmo casar.

O tempo certo para cada ritual e cada celebração coletiva também parte da observação desse povo. Eles também conseguem perceber o tempo através do crescimento das plantas e do envelhecimento, e com a passagem do tempo novas marcas são firmadas para o povo Guarani. Essa marcação dos tempos e períodos se mostra muito importante para a comunidade indígena determinar o momento certo para cada ritual, ou cada iniciação, realizada com a finalidade de fortalecer e inserir os mais jovens aos costumes da comunidade.

III. CAPÍTULO 2

A dança e outros traços culturais

A dança Guarani representa para seu povo uma libertação. Consiste no momento em que os indígenas se alegram e, através da dança, declaram seu agradecimento para os Deuses, em específico a Nhanderu. Essa gratidão se dá pela vida, pela saúde, pelos dias bem-sucedidos para toda a família e por conquistas dos mesmos. Nesse sentido, para que se sintam bem espiritualmente há essa necessidade dos indígenas dançarem todos os dias na Casa de Reza. A dança Guarani se faz presente em todos os momentos da sociabilidade indígena. Mesmo em momentos difíceis na vida do indivíduo, as danças, cantos e rituais se fazem necessários na Casa de Reza para que os indígenas obtenham tanto o enriquecimento espiritual como o fortalecimento do corpo. A energia positiva desse espaço se torna uma só junto com o indígena, que sai da Casa de Reza como se fosse outra pessoa, ou seja, renovado para viver no mundo:

[...]A dança é também a forma social por excelência mobilizada nos contextos da *opy'i*, a casa de reza, onde opera o grande espectro de práticas ligadas à dimensão do xamanismo. A reunião que se realiza nesse espaço consiste em cantar e dançar, práticas que distinguem e mantêm os Tekoa, que caracterizam a vida *mbya* em sua diferença. [...] (FERRAZ, 2019, p.351-352).

Nesse sentido, a dança e o canto estão interligados dentro da casa de reza, e dentro do espaço sagrado que é o *Opy'i* cada um desses elementos culturais raramente aparece sem o outro. Isto significa que a dança nunca acontece sem o canto e o canto não acontece sem a dança dos indígenas Guarani, que se entregam nesse momento especial para a conectividade com o sobrenatural.

Existem várias maneiras da dança ser executada pelos Guarani, sendo apresentada nos momentos festivos da comunidade ou diariamente dentro da Casa de Reza: “Nas aldeias guarani, o que podemos nomear como experiência xamânica é o espaço central da vida que reconstrói os corpos que se encontram na *opy'i* [...] (FERRAZ, 2019, p.356)”. Através dos ritos de dança se cria a

conectividade com o que é “sagrado”, e, conforme o canto e o som dos instrumentos tocados, se realizam agradecimentos aos Deuses. A dança sempre é realizada em momentos de alegria da sociedade Guarani. Quando as pessoas chegam à Casa de Reza, antes de qualquer coisa acontece a “reza”. Em seguida acontece a dança com o canto, os quais apresentam a mesma finalidade que a “reza”, vinculada à positividade em suas vidas e à gratidão. Em todos esses momentos se mantém a utilização do cachimbo, o petyngua.

A dança é marcada por passos leves e coordenados entre as mulheres. Já os homens dançam pisando mais forte, mas também em sintonia com as mulheres. A dança acontece com uma pessoa de frente para a outra, realizando passos que se completam enquanto são cantadas várias estrofes no idioma Guarani. Essas estrofes são divididas em partes iguais entre homens e mulheres, e a dança é conduzida por instrumentos como o violão. Também é utilizado o chocalho, marcando a todo o tempo as rezas e o refrão. Por fim, o violino complementa o violão na maioria das vezes:

A “concentração” para a reza se faz aos poucos, com a marcação de um *mbaraka* (violão mbya de cinco cordas que marca o ritmo) nas mãos de um rapaz sentado em um dos cantos da casa, e as frases do *rave* (rabeca mbya) que um companheiro executa a seu lado. No acúmulo da fumaça do petyngua que vai preenchendo o espaço, a fala se junta aos instrumentos, tornando-se canto; o som ganha intensidade (PISSOLATO, 2020, p.11).

Essas são as atividades cotidianas da Casa de Reza: não são de forma planejadas, não possuem um horário marcado para início ou fim. Simplesmente anoitece e os frequentadores aparecem um a um, toda noite, para realizar esses eventos tidos pelo povo Guarani como sagrados há muito tempo. Todo esse misticismo é conduzido por um indivíduo que tem o respeito e a aprovação da comunidade. Frequentador da Casa de Reza, a pessoa responsável por conduzir todo esse processo é chamado de pajé. Visto como um pastor, um guia, um mentor e um guardião, de certa forma responsável por manter a Casa de Reza funcionando e mantendo vivos os costumes para as novas gerações.

O pajé é um membro comum da comunidade Guarani, mas possui uma responsabilidade “divina”, pois é possuidor de dons trazidos e transmitidos do

sobrenatural para o mundo terreno. Ele é responsável pelos batizados e pelas curas, além de ser encarregado de conduzir o povo Guarani: sem ele não há nenhuma atividade na Casa de Reza. Ele nem sempre mora próximo a esse espaço, mas mantém o compromisso de participar todas as noites. Esse é o destino dele: ele é escolhido pra essa realização. Normalmente ele é sucessor de outro, nem sempre da mesma família. Como parte da crença na tradição Guarani, a pessoa já nasce com o destino de conduzir o povo e a cultura.

Esse indivíduo é percebido desde cedo por seus atos de benfeitoria à comunidade, e também por ter o dom de rezar e cuidar de outras pessoas através de remédios e benzimentos. O pajé pode ser mulher ou homem: esse cargo mais elevado dentro da Casa de Reza não tem gênero, e a partir do momento que ele ou ela se torna o pajé da comunidade, em nenhum momento ao longo de sua vida ele deixará esse título, pois quem o concedeu foi Nhanderu desde o momento de seu nascimento. Os seus companheiros, marido ou esposa do pajé, auxiliam-no em toda a sua caminhada religiosa.

O batismo

Uma das funções do pajé é a realização do batismo Guarani. O batismo indígena é conhecido como batismo do bolo e mel: um dos principais rituais dentro da Casa de Reza. A partir desse momento as pessoas da aldeia recebem seus nomes indígenas. O batismo acontece uma vez por ano, dividido em dois momentos: o primeiro com as meninas e outro ponto com os meninos. O momento das meninas acontece por primeiro no período da noite: nesse dia acontecem as danças e cantos, então o pajé conversa de certa maneira com as suas divindades e canta uma canção. Nesse instante o pajé inicia o processo mais importante desse ato simbólico para todas as pessoas frequentadoras. Inicia-se assim as rezas e os cantos que são marcas do início do batizado: as mulheres e todos dentro da Casa de reza devem ficar em silêncio e prestar atenção. Com a canção, ele passa em frente das mães sem uma ordem definida, e em meio à música ele fala os nomes indígenas de cada menina. Esse nome é escolhido pra cada uma, sendo dado a partir das características de cada pessoa, ou como cada uma será no futuro.

Os meninos, diferentemente das meninas, recebem seus nomes durante o dia. Por conta disso, na noite em que as meninas recebem seus nomes as mães com seus filhos devem dormir dentro da Casa de Reza para receberem o nome de seus filhos na manhã seguinte. O processo é o mesmo da escolha do nome das meninas, a única diferença está no período em que se realizam os batizados. Esse momento é preparado como uma celebração esperada, que ocorre em uma vez por ano e reúne diversos membros participantes da Casa de Reza para que aceitem o recém batizado com seu nome novo na comunidade.

A erva mate

Outro ritual importante é o da erva mate, conhecido como Ka'ai pela sociedade Guarani Mbya. Trata-se de um costume que também acontece apenas uma vez por ano na comunidade. Há a estação do ano própria para sua realização, ocorrendo sempre no verão ou *Ara pyavu*, que significa tempo novo para os Guarani. O costume segue uma norma já estabilizada ao longo dos anos. O ritual é respeitado e a comunidade se faz bastante presente nesses momentos de fé da aldeia:

[...] a consagração da erva-mate é praticada de acordo com situações histórico-sociais vividas pelas diferentes aldeias Guarani Mbya, englobando, por princípio, uma instância secreta em que os xamãs realizam rituais propiciatórios, dos quais detêm a linguagem cifrada de comunicação privilegiada com os deuses, e uma instância pública, variável segundo escolhas pessoais dos membros das aldeias, que se manifestam de modo sensível na indumentária, paramentos, cantos e música que acompanham a cerimônia (CAMPOS, 2020, p. 424).

A tradição desse ritual foi repassada de geração em geração, e com o passar dos anos criou força para continuar existindo. A prática é conhecida popularmente pela sociedade Guarani, sendo praticada pela maioria da população Guarani. Por também se constituir em um ritual sobrenatural e ter essa conectividade com os Deuses, se torna necessário e presente no cotidiano da sociedade indígena.

A atividade da ka'ai se complementa com as demais atividades realizadas dentro do op'yí. Existe uma junção de exercícios de fé que são realizados nesse

espaço e que tem como finalidade o ensinamento para os mais jovens. Estes, por sua vez, se fazem bastante presentes nesses rituais. Parte dos mais velhos o ensinamento e depende dos mais novos o interesse pelo saber, pelo conhecimento.

O ritual da erva mate ocorre da seguinte forma: no primeiro dia os homens vão para a mata buscar a erva para trazer para a Casa de Reza. Quando retornam, cortam a erva mate em pequenas tiras e a colocam em uma vasilha no fogo, que fica dentro do opy`i. Nesse fogo as tiras de erva mate sapecam, e nesse momento os Guarani começam a “dançar” em volta do fogo para o início do ritual. O pajé fica observando o andamento das coisas para dar a benção final. Apenas ele possui o dom e poder para encerrar a cerimônia: sem a benção final nada pode ser concluído.

No segundo dia as mulheres ficam responsáveis por “socar” a erva mate em um pilão. Elas levam a erva mate para o lado de fora da Casa de Reza e começam o novo processo. No terceiro dia ocorre o batismo da erva mate, direcionado às crianças que não tem nome indígena. As mães pegam em um porungo a quantidade de “tirinhas” referente a quantia de filhos que vão participar do batizado, e no caso das crianças que tem o pai presente na cerimônia quem pega as “tirinhas” de erva mate é o próprio pai.

O batismo da erva mate também possui um momento específico para batizar as crianças que não tenham nome indígena. Esse batismo é bem amplo e abrange vários elementos da cultura Guarani.

Finalizando esse capítulo, notamos que mesmo sem o povo Guarani se dar conta, a Casa de Reza vem sendo um ponto de resistência, pois desde o período da invasão do Brasil os povos indígenas vêm sendo atacados e influenciados de toda forma à aderir a forma de vida da sociedade “branca” ou não-indígena, tentando de toda forma a preservar a cultura indígena, buscando juntamente com indigenistas encontrar meios para que o povos não esqueçam seu modo tradicional de vida junto à natureza.

Apesar de ser considerado um espaço que teve sua origem no intuito jesuítico de catequizar os indígenas, a Casa de Reza mantém seu papel fundamental para manutenção da cultura indígena dos povos Guarani. Mesmo que a catequização tenha de certa forma influenciado a sua forma de

funcionamento, a Casa de Reza não deixa de ser essencial para a manutenção e essencial para luta contra a dizimação da cultura indígena Guarani.

IV. CAPÍTULO III: Relatos da importância da Casa de Reza

Nesse capítulo apresentamos e discutimos as respostas das entrevistas realizadas com oito membros da aldeia Guarani Palmeirinha do Iguaçu. As pessoas entrevistadas foram escolhidas pela sua disponibilidade em conversar sobre a Casa de Reza. Todos os entrevistados assinaram o termo de cessão de seus depoimentos orais. Na entrevista, realizamos as seis perguntas: Com quantos anos você frequentou pela primeira vez e com que frequência você participa da casa de reza? Quais foram os rituais que você já presenciou ou participou na casa de reza? Qual é a importância de cada ritual para a sua comunidade? (Se possível, relate um pouco sobre a sua experiência). Como você avalia a participação dos jovens na casa de reza? Eles são participativos na casa de reza? Segundo a sua vivência na casa de reza, por que você acha importante a participação dos indígenas guarani nesse espaço sagrado? Na sua opinião, como a casa de reza mantém viva a cultura do povo Guarani?

Para preservar a identidade dos entrevistados, não citamos os nomes dos mesmos. Para permitir uma leitura mais integrada das respostas às perguntas, transcrevemos as respostas em formato de texto único para cada entrevistado.

Entrevistado 1: homem 45 anos;

Comecei a frequentar a Casa de Reza tinha 10 a 11 anos, na aldeia Rio das Cobras em Nova Laranjeiras em uma aldeia Guarani chamada de Caçador e na água do meio, mas hoje elas não existem mais com esse nome, é chamado de Pinhal.

Lá presenciei vários rituais desde criança, participei bem cedo de todos eles, como a cerimônia do batismo, de erva mate e algumas frutas naturais como o imbê, ou no português banana de mico.

No início não participava de todos os rituais porque, por exemplo, quando era velório as crianças não iam. Então, como comecei cedo, demorei um pouco para participar.

Já presenciei de todos e também participei de todos os rituais ao longo de minha vida. Até hoje ainda participo, mas vejo como principal o batismo do Imbê e erva mate KA`A, que são os principais da natureza.

Para mim o ritual e a participação na Casa de Reza é para não esquecer de quem nós somos, e também é muito bom porque se uma pessoa está com problemas, doente ou apenas triste, e participa da casa de reza, se ela houve o canto TAROVA do pajé junto com a voz de todos os participantes, ela se renova, reforça seu espírito e se prepara para enfrentar as suas dificuldades.

É muito importante a participação da comunidade na casa de reza, assim nós ganhamos força e renovação. Temos a força vindo dos nossos deuses, do HYAPU deus do trovão e também NHEMBOXI deus relâmpago. Quando nossas “rezas” são ouvidas ou quando são pedidos urgentes os deuses mandam para a terra a chuva com relâmpago, ela traz para nós a força e também nos dá sinal de que nosso pedido foi ouvido.

Antigamente com sapato tomavam banho lá, e faziam várias coisas que hoje não acontece mais. A tecnologia atrapalhou bastante nessa questão de participação dos jovens da comunidade, mas mesmo assim quem frequenta tem sua cultura preservada, alívio espiritual e sua identidade mantida.

Entrevistado 02: mulher 47 anos

Eu participo da casa de reza desde pequena, todas as noites era levada pelos meus pais. Participei de todos os rituais: batismo da erva mate, do bolinho de mel, das sementes das frutas, e batismos das flechas. Junto com meu marido ajudamos o pajé na hora das cerimônias e avisando o dia que terá os encontros na Casa de Reza.

Os rituais são importantes para que não se perca nossa cultura, eles são importantes para que nosso povo se mantenha vivo, tendo esperança e acreditando que tudo o que é ruim vai passar e só o bem permaneça. Eu como fui na Casa de Reza desde criança, fico muito feliz quando participo me sinto mais calma, com mais vontade fazer as coisas, até mesmo mais feliz. Eu fico muito triste, pois os jovens não estão mais na Casa de Reza, eles estão muito mais com o celular na mão jogando esses jogos de hoje nas redes sociais, e isso é devido a influência do homem branco.

A participação na casa de reza é importante para abençoar as pessoas que vão e também as que ficam em casa. Na verdade é bom pra abençoar toda a comunidade, ainda mais agora com esse corona vírus, e também pedimos nos rituais que nossos deuses cuidem nossas pessoas que estão em Brasília. Até mesmo em Brasília fizeram o ritual da erva mate para manter o povo forte nessa luta contra as pessoas que querem nosso território e o nosso mal.

A cultura se mantém viva por que todos os dias os mais velhos estão de noite ensinando os mais novos sobre nossos costumes, para que eles ensinem seus filhos e nunca deixem morrer nossa cultura.

Entrevistado 03: mulher 67 anos

Me criei na Casa de Reza porque antigamente todo mundo frequentava, era muito bom. Tinha muita gente que ia e participava das cerimônias, era divertido participar pois quando éramos crianças: nós não via a hora de anoitecer para poder ir no opy'í. Era muito bom participar, desde pequenos nos sentíamos melhor depois de cada participação na Casa de Reza.

A Casa de Reza naquele tempo funcionava como se fosse nossa escola, a única diferença é que todo mundo aprendia junto e estava misturado as crianças e os adultos, todos num espaço só. Conversávamos muito antes das cerimônias no terreiro do lado de fora da casa, o fogo no centro do opy'í nos esquentava nas noites mais frias.

Hoje em dia, por causa da minha idade, não consigo mais participar como eu gostaria. Onde moro é longe também da Casa de Reza, então quando tem as cerimônias, às vezes vem o carro da comunidade me buscar pra poder participar. Me sinto tão bem, pois me lembro de tudo que passei quando mais nova e frequentava.

Para mim o ritual tem menos pessoas participando, mas ainda é muito importante para dar força à nossa comunidade e também para manter nossa cultura viva. Mesmo com a minha idade ainda continuo ajudando nos rituais do xamoi, no que ele precisa na hora do ritual.

Antigamente não tinha televisão nem celular na aldeia, hoje tem muita coisa do branco aqui dentro. Por isso os jovens estão frequentando cada vez menos a Casa de Reza, diferente do passado.

Hoje em dia a Casa de Reza já não tem mais tanta gente, mas ela é muito importante para não deixar de lado nossa cultura, os nossos costumes e rituais. Por isso temos que ir na Casa de Reza todos juntos para não esquecer.

A Casa de Reza ajuda as famílias, os mais velhos com ensinamentos sobre a vida. Na Casa de Reza é falado também sobre o passado Guarani. Por isso estamos vivos com nosso espírito, por causa dos mais velhos e pela opy'i.

Entrevistado 04: homem 100 anos

Tenho 100 anos, sou o mais velho da aldeia Palmeirinha. Nesse longo tempo que vivi pude conhecer vários lugares como Bolívia, Paraguai e Uruguai. No Brasil já andei por vários lugares, conheci muita gente. Faz 70 anos que trabalho na Casa de Reza como xamoi. Como participei desde de pequeno fui aprendendo de tudo dentro do opy'i.

Como sempre estive dentro da Casa de Reza, já participei de todos os rituais. É bem legal, acontecem várias coisa como por exemplo nas cerimônias cantando, fazendo curas com o petyngua, cachimbo da paz. Na aldeia, nesse mês dia 21 vou fazer o ritual do batismo das sementes. Como estamos no tempo novo precisamos de benzimentos para esse florescer das plantas.

A comunidade deve participar do opy'i para conhecer os rituais nossa história, aprender nosso sistema e nossos costumes. Na escola não é ensinado sobre nós. Ajuda a ter emprego mais não ensina a nossa cultura. Na casa de reza a benção é para todos, por isso sempre temos que participar e cada família ensinar os seus filhos.

A Casa de Reza mantém a cultura Guarani viva porque nos dá saúde e conhecimento para a nossa vida. Somos todos amigos e irmãos, os pais quando ensinam seus filhos também ajudam a passar para os mais novos nossos costumes.

Entrevistado 05: homem 26 anos

Não me lembro com quantos anos, mais sempre frequentei a Casa de Reza. Desde muito pequeno sempre à noite ia para a Casa de Reza e as vezes durante o dia quando tinha ritual também, como o batismo de mel e o batismo da erva mate.

Os rituais que participei foram esses do mel e erva mate. Também participei do batismo do mbojape e do batismo das crianças. Esses rituais são os que acontece aqui na aldeia Palmeirinha, mais existe outros, sei que existe e quando eu tiver oportunidade pretendo participar.

Para nós os rituais é pra mostrar a Nhanderu nossa fé, porque a nossa força e da comunidade vem dele. Na Casa de Reza nos fortalecemos com os rituais também, e é por isso que é importante irmos ao opy'í. O canto pra mim é o principal porque é através dos cantos que conversamos com Nhanderu, mostramos nossa alegria e nossa luta. Ouvei dos mais antigos que o canto e tudo que temos foi Nhanderu que deu pro nosso fortalecimento Guarani.

Na Casa de Reza eu me sinto muito bem. Como falei, desde criança vou à Casa de Reza, canto, danço, ajudo nos rituais. Quando precisam sempre estou disposto a ajudar os xamoi. Eu acredito em Nhanderu. Quando me sinto doente, por exemplo, ou quando meus filhos ficam doentes, levo à Casa de Reza para o pajé, e quando saímos dela saímos melhor: quando estou triste saio alegre. Agradeço muito a ele Nhanderu.

Hoje em dia tudo mudou. Os xondario e xondaria (mulher e homem) participavam bastante antes, e hoje participam pouco aqui. Os jovens de outras aldeias Guarani, como São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Espirito Santo são mais participativos. Eu vi em Brasília no Acampamento Terra Livre como os jovens estavam interessados e felizes, valorizavam o pajé e o costume. Aqui na aldeia, os jovens participam bastantes dos rituais só no dia a dia que estão deixando de frequentar a Casa de Reza. Eu vejo os mais velhos aconselhando os mais novos. Os jovens escutam, eu acho que quando crescerem saberão da importância da Casa de Reza.

A Casa de Reza é importante pro fortalecimento do nosso povo. Pra mim, através dos ritual e do canto é que mantém viva a cultura. Tem os Guarani

Nhandewa, eles, por exemplo, cantam em baixo das árvores. Cada indígena tem sua cultura, somos diferente por causa da nossa fé.

Entrevistado 06: homem 39 anos;

Comecei a frequentar a Casa de Reza aos 10 anos mais ou menos. Participo até hoje, mas não são todos os dias. Vou mesmo na Casa de Reza quando tem rituais. Eu gosto mesmo de ir nas consagrações, até mesmo ajudo sempre que posso e levo os mais antigos com o carro da comunidade. É muito bom ir conversando com os mais velhos enquanto vamos para as cerimônias.

Eu participei de algumas cerimônias como a do batismo do nome, da erva mate e presenciei a do mel e do bolo. Para mim os batismos e os rituais são um avivamento da cultura Guarani: fortalece os mais velhos e orienta os mais jovens. Assim você se identifica com a Casa de Reza.

Desde a adolescência eu participei da Casa de Reza, mesmo vindo de uma família evangélica, eu participava. Às vezes parecia que o que eu estava fazendo era errado, ia contra meus pais, ia até meio escondido na Casa de Reza. Hoje em dia entendo que essa religião vem de fora, que não é a religião original do Guarani. Por isso que cada vez é mais importante a participação de todo mundo na Casa de Reza, pois a cultura vai se transformando e tem coisa que com o tempo vai se perdendo. Eu levo meus filhos, mas o que eu aprendia na Casa de Reza da idade deles com certeza hoje eles já não aprendem mais, então quanto mais gente participar, melhor.

Os mais jovens que vão normalmente é porque a família de alguma forma tá presente na Casa de Reza, mas hoje tem muitos que preferem ficar usando aplicativos do celular ao invés de participar. Mas ainda tem jovem frequentam-te da Casa de Reza: normalmente as famílias que não vão na Casa de Reza, seus filhos também não vão. Mas os que vão, por incrível que pareça, vão porque se sentem parte daquele lugar.

Entrevistado 07: homem 63 anos

Fui pela primeira aos 25 anos e frequento até hoje. Como vou a muito tempo, já participei de várias cerimônias como o batismo da erva mate, do mel e do bolo de milho, a consagração da água. Cada ritual desses é sagrado e serve para manter a nossa força espiritual, e para nos fortalecer a cada tempo que passa. Assim nos mantendo perto dos nossos deuses.

Infelizmente de uns 5 a 8 anos atrás mais ou menos os jovens foram deixando de frequentar a Casa de Reza. A tecnologia do juruá (homem branco), influenciou muito para que os jovens deixassem de frequentar a Casa de Reza como eles faziam antigamente, participando todos os dias.

Nós Guaranis devemos participar da Casa de Reza, porque é nesse lugar que recebemos a orientação divina. O nosso opy'í é como a escola do branco: aprendemos sobre nosso passado e sempre coisas novas.

A Casa de Reza é importante para nossa cultura, porque ela permanece de geração em geração. Por isso é importante a participação das crianças e dos jovens, de todos para aprender sobre nossos costumes, sobre nossos rituais, para assim manter viva nossa cultura.

Entrevistado 08: mulher 22 anos;

Sempre frequentei a casa de reza, agora vou só as vezes. Já participei de alguns rituais como o batismo de mel, do bolinho e da erva mate. Pra mim a importância dos rituais é para dar força e saúde, e também para manter a cultura viva. Eu gosto muito de fumar meu cachimbo, pois ele me deixa bem, me traz paz e tranquilidade. Gosto também quando participo do ritual, a gente se sente mais feliz e renovada, e bem mais forte. Por isso que gosto de participar na Casa de Reza quando tem cerimônias, e também porque o pajé abençoa todos da comunidade, mesmo quando alguns não participam.

Hoje em dia os jovens não participam muito da Casa de Reza por causa do celular, participam mais quando tem as cerimônias por que sabem que é importante pra eles como Guarani.

Antigamente os jovens dançavam e cantavam antes de entrar para Casa de Reza, e valorizavam muito a cultura e também os rituais. Hoje eles deixaram

a Casa de Reza um pouco de lado por causa das tecnologias, que ao passar dos anos entrou cada vez mais na aldeia.

Acho importante para nós participar da Casa de Reza para ter força e assim passar de geração em geração. A nossa cultura ainda está viva, e devemos ensinar as crianças para que elas não esqueçam nossos costumes e ensinem seus filhos.

Considerações

Essas entrevistas se realizaram no período da tarde e início da noite, durante aproximadamente 10 dias. Esses horários foram escolhidos devido à disponibilidade dos entrevistados. As entrevistas foram marcadas por muitos relato da cultura, e vários dos entrevistados fumavam cachimbo o tempo todo durante a conversa sobre curiosidades e fatos a respeito da casa de reza a tempos atrás e como o espaço se transformou nos dias de hoje. No período das entrevistas outra coisa curiosa que também foi observada foi o fato de que os mais velhos, mesmo com a dificuldade de pronunciar o português, eram os que mais falavam e tentavam responder cada pergunta, mesmo que a sua resposta tivesse que ser traduzida: faziam questão de compartilhar os seus conhecimentos sobre a Casa de Reza.

Nas entrevistas pode se perceber várias informações importante sobre a cultura Guarani Mbya a conectividade com a natureza por exemplo com o deus HYAPU deus do trovão e também NHEMBOXI deus relâmpago. Outro ponto bastante relevante é a opy'í como um espaço de conhecimento considerado como uma escola, pois é nesse espaço que se aprende os costumes, a língua materna, a história, ou seja, se aprende a identidade Guarani. Outro fato importante é da escola não indígena como um espaço não essencial para o povo, isso devido não ensinar verdadeiramente a cultura, havendo dessa maneira uma educação precária sobre os indígenas e seu modo de vida de modo geral, deixando nítido a clareza que se tem sobre o papel da casa de reza no aprendizado. A não aceitação das igrejas evangélicas pela casa de reza também foi um aspecto abordado na entrevista, a crença, a espiritualidade Guarani na casa de reza trazida como errada ou algo ruim fazendo dessa maneira com que vários frequentastes deixassem de participar da opy'í.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnia Guarani é conhecida desde o início dos tempos como povo nômade. Sempre tiveram como característica a atividade de migrar de um lugar para outro. Mesmo estando em um solo propício para a sobrevivência, os indígenas Guarani não se sentiam completos espiritualmente e existia a necessidade para esse povo de continuar migrando para outros lugares. O objetivo dessa jornada era a busca pela Terra Sem Mal, como se fosse a utopia cristã de um paraíso. Essa procura durava até mesmo a vida toda. O solo sagrado e fértil era a jornada final dessa procura, e toda vez que se deparavam com um território farto com muita caça, frutas e uma água boa se sentiam perto do que procuravam. Tinham nesse momento um pouco de paz e sua sobrevivência garantida, ou seja, o objetivo almejado era a terra intocada em um lugar em que os indígenas Guarani pudessem manter a sua crença com agradecimentos as Deuses e a conectividade com o mundo, a natureza e animais. Uma relação de respeito e gratidão nesse espaço sagrado, um lugar onde esperavam que nada de mal pudesse acontecer.

Outra característica fundamental que é utilizada por esse povo nos dias de hoje é Nhandereko, uma palavra que sempre existiu na linguagem do povo Guarani. Seu significado para o português não pode ser limitado a apenas uma palavra: é uma expressão tão profunda e particular dessa etnia que não há tradução em outras línguas. O mais perto da tradução dessa palavra seria o modo de ser e viver Guarani. Na pronúncia dessa palavra os indígenas se sentem mais fortes e unidos pois essa mesma palavra mesmo sem tradução foi sinônimo de muitas resistências nos tempos difíceis enfrentados por esse povo. Ela soa como um grito de guerra: ao ser pronunciado fornece energia e esperança.

Nhandereko, uma palavra de motivação e orgulho com um peso muito grande para este povo. Representa uma demonstração de uma das suas maiores características que é a espiritualidade pois essa palavra os liga diretamente com a ancestralidade. Além de ser uma conexão espiritual, esse sinônimo une todos os membros da comunidade: é uma forma de agir em grupo,

não só uma forma de vivência individual, é de certa maneira um guia de vida que torna esse povo diferente. É com a força da palavra Nhandereko que o povo vem permanecendo resistente ao longo do tempo, vivendo dessa forma mais perto da forma de vida ancestral.

A espiritualidade do povo Guarani sempre esteve enraizada na sua essência. Assim como o território que está automaticamente ligado a sua existência, a fé mantida por esse povo sobreviveu ao longo da história a diversas tentativas de extinção e submissão por parte dos colonizadores. A espiritualidade se mostrou fundamental nessa etnia, pois mesmo o povo Guarani sendo dominado em algumas partes do território nacional, os costumes se mantiveram vivos e para isso o povo Guarani incorporou o cristianismo a sua crença.

O povo Guarani começou ao longo da história a se utilizar da religiosidade cristã para fortalecer a sua crença. Isso se fez devido à necessidade de crer em algo próximo aos seus Deuses ancestrais. Dessa forma, eles fizeram uma substituição dos deuses do cristianismo, trazendo para a cultura indígena com novos nomes e readaptando com os deuses já existentes em sua cultura. Conseqüentemente, esse ato de adaptação ao cristianismo foi algo extremamente necessário, pois isso garantiu a sobrevivência da cultura indígena Guarani nos dias de hoje.

O opy'í é uma outra característica específica dessa etnia, se tornando uma maneira de resistência e sobrevivência da cultura. Esse elemento se incorporou ao povo Guarani, se tornando legítima ao longo dos anos: como vimos no decorrer desse trabalho, constitui um espaço necessário para se conectar com os Deuses. As atividades vinculadas a uma Casa de Reza envolvem a incorporação que o povo Guarani teve que fazer para manter seus rituais e sua crença viva em períodos de muita opressão por parte dos colonizadores. Como vimos, a Casa de Reza era inicialmente construída com folhas de palmeira e outros materiais vindos da natureza. Hoje em dia são construídos em sua grande maioria de madeira e braselít. Assim como os costumes foram se transformando, a Casa de Reza de modo geral seguiu o mesmo caminho, se adaptando com o passar do tempo.

A Casa de Reza geralmente está localizada no centro da comunidade, No início ela era construída não só no meio da aldeia, mas também de frente ao nascer do sol, e era entendido não somente um local sagrado de celebração, mas também como um espaço importante para as tomadas de decisão dos indígenas Guarani.

No início, a Casa de Reza era como uma escola, isso porque esse espaço era o primeiro lugar em que os indígenas Guarani frequentavam diariamente desde seus primeiros dias de vida. Era na Casa de Reza que eles obtinham o primeiro contato com ensinamentos sobre a sua história e também sobre a vida de modo geral. Aprendendo a falar, dançar e cantar, desse modo os Guarani mantinham sua identidade, auxiliados pelos mais velhos da comunidade. Esse costume não mudou até os dias de hoje, pois esse reconhecimento e respeito aos mais velhos continua.

Ao longo dos anos, esses ensinamentos dos mais velhos dentro da Casa de Reza, na junção da cultura indígena com a cristã, deram início a características fundamentais que formaram a Casa de Reza do modo que ela se apresenta hoje. Os rituais que acontecem nesse espaço são o batismo da erva mate, do bolinho de mel, das sementes, das frutas, além do batismo das frechas. Nesses momentos acontecem encontros entre todos os moradores da aldeia para realização desses rituais. Cada um tem um objetivo e uma finalidade, mas todos são igualmente importantes para a espiritualidade dos participantes.

O ato de ir à Casa de Reza constitui uma fonte de renovação e fortalecimento, pois várias pessoas participam quando estão com problemas e depositam fé naquele espaço isso os motiva, há pessoas também que participam apenas para se sentirem aliviadas que é uma sensação que muitos relatam depois de participarem deste espaço, é pedido força e proteção não somente para quem está no local participando mas para toda a comunidade. A dança e o canto são atividades que integram as celebrações e que de certa maneira se intercalam tornando-se um só e assim dando vida aos rituais. Dessa maneira o ritual, dança e canto se tornam indispensável para a manutenção da cultura desse povo pois estão presente em todo o processo de transformação e adaptação desse lugar.

Outra característica fundamental e que não está somente dentro da Casa de Reza é uso do cachimbo. Esse objeto é um marco da cultura Guarani e é tão único quanto a própria Casa de Reza. Pode ser considerado um objeto de uso diário, utilizado em momentos de conversa e troca de conhecimento. Traz consigo uma energia inexplicável, fortalecendo o povo da energia ancestral. Com o uso do cachimbo o pajé é capaz de curar doenças e abençoar o povo Guarani. Quem o utiliza consegue sentir um sentimento de paz. Esse objeto é usufruído por todos da aldeia a qualquer momento do dia seja nos rituais ou em casa ele é utilizado em todas as horas do dia que chega a fazer parte da identidade da cultura Guarani.

Hoje tudo está se modificando isso desde a cultura até a estrutura da Casa de Reza. Cada dia que passa são novos os desafios, a cada contato da sociedade não indígena dentro da aldeia haverá essa necessidade de buscar soluções readaptando a cultura nesse novo mundo, buscando alternativas para a manutenção da cultura. A Casa de Reza ao longo desse processo se mostrou muito importante para o bem viver do povo indígena Guarani, pois, como uma escola, apresentou e apresenta os ensinamentos da vida, da cultura e do costume. Por essa razão se mostra como uma ferramenta necessária para manutenção e proteção da cultura Guarani.

A partir da análise das entrevistas realizadas, percebemos que a casa de reza não é mais a mesma de antigamente, e está se modificando cada vez mais, se adaptando para tentar manter seus costumes sua cultura e sobreviver nesses tempos modernos. Pode-se perceber até no momento das entrevistas a grande utilização de um dos símbolos dessa etnia: o petyngua. Em todo momento da entrevista ele estava presente. Outra coisa que foi unânime em nossas entrevistas foi a importância da Casa de Reza para permanência da cultura do povo Guarani. Todos os entrevistados demonstraram consciência do papel da Casa de Reza para a sua cultura, pois todos são frequentadores desde muito cedo desse espaço e veem na Casa de Reza uma segunda escola. Dessa forma, a cada celebração se sente renovados com mais força para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Uma questão muito mencionada foi a participação da nova geração dos jovens na Casa de Reza. Segundo os entrevistados, não há uma participação

frequente dos jovens, porém, nos rituais eles estão presente e participam. A maior das dificuldades apontadas foi o uso generalizado do celular e das redes sociais, enfim, a tecnologia de modo geral. Os mais velhos veem isso como algo negativo, pois consideram que está afastando os jovens das celebrações e conseqüentemente da sua cultura.

A maior dificuldade encontrada no momento das entrevistas foi, sem dúvida, a pronúncia do português, pois vários dos nossos entrevistados compreendem língua, porém, como utilizam diariamente a sua língua materna, não conseguem fazer a pronúncia do português, e quando o fazem, falam com bastante dificuldade, transformando o ato de entrevistar em uma tarefa ainda mais difícil.

A partir das entrevistas concluímos que há uma grande importância da Casa de Reza para a permanência da cultura Guarani. A pesquisa contou com entrevistados de diferentes idades, e em maior ou menor grau todos eles são frequentadores da Casa de Reza. De forma unânime, todos veem a importância desse espaço para a comunidade e para permanência dos seus costumes. Neste mesmo sentido aparece a preocupação dos jovens e da geração futura, pois cada vez mais a participação do jovem na Casa de Reza se faz menor do que nos tempos passados, de acordo com o relato dos entrevistados. Uma questão importante a ser observada nas entrevistas são as participações nos rituais, onde a comunidade se encontra buscando alívio espiritual individual e coletivo visando através desses momentos um bem-estar para todos: jovens e idosos Guarani.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Valéria Esteves Nascimento. **Da Casa de Rezas à Congregação Cristã no Brasil: O pentecostalismo Guarani na Terra Indígena Laranjinha/PR.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação. UFSC: Florianópolis, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os Guarani: índios do Sul - religião, resistência e adaptação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 53-90, Dec. 1988.

BORGES, Luiz Carlos. **Os Guarani Mbyá e a categoria tempo.** ED. Tellus campo grande MS, p.106-121, 2002.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GOMES, Alvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi . **OS Guarani Mbya nos Rituais Ara Pyau (Ano Novo): A Festa da Erva-Mate.** V.7, p.419-440, 2020.

CORRAINI, Stéfani Ramos. **A construção política e social Tupi Guarani: Uma visão sobre os povos Tupi Guarani ao longo da História, seus enredos cosmológicos, diferenças e posições entre os subgrupos,** Araraquara SP, 2017, p. 57).

FAUSTINO, Rosângela Celia. **Educação e religião Guarani no Paraná: estudo a partir do ritual *Nimongarai*.**Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.7, Número Especial, p. 239-263, dez. 2012.

FERRAZ, Ana Lucia. **“Jajeroky”:** Corpo, dança e alteridade entre os Mbya Guarani. v.62, Número especial, p. 350-351, 2019.

GOMES, Mércio P. **Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARIANO, Cláudio, Ortega. **A nossa história sobre o *Mbaraka Mirim* ou *Mba'épu Mirim* (o chocalho guarani).**Trabalhode Conclusão de Curso. Florianópolis, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe B. RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

PISSOLATO, Elizabeth. Palavra e(m) movimento: formas vocais em aldeias guarani. In: **Mana**, Rio de Janeiro , v. 26, n. 1, e261207, 2020 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132020000100207&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 de maio de 2021.

SILVA, Belarmino da. **PETYNGUA – Símbolo Da Vida Guarani.** Trabalho de conclusão de curso. TI Xapecó. UFSC: Florianópolis, 2015.

ZOCCOLI, Ubirajara,Salles. CASTANHEIRA, Nelson, Pereira. O ritual do Kaá dos Mbyá-Guaraini da aldeia Araçaí de Piraquara-PR. **Revista Intersaberes**. vol. 7 n.14, p. 30 – 45. ago. – dez. 2012.

VII. APÊNDICES

Questionário de entrevista realizado com os membros da aldeia Guarani
Palmeirinha do Iguaçu

- 1- Com quantos anos você foi pela primeira vez e com que frequência você participa da casa de reza?
- 2- Quais os rituais que você já presenciou/ participou na casa de reza?
- 3- Qual a importância de cada ritual para a comunidade, se possível relate um pouco sobre a sua experiência?
- 4- Segundo sua vivência na casa de reza, por que você acha importante a participação dos indígenas guarani na casa de reza?
- 5- Como a casa de reza mantém a cultura do povo guarani viva?
- 6- Qual diferença da casa de reza antes e agora?

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Eu, _____, nascido(a) em
____/____/____, RG _____, morador em
_____, declaro ceder à Janaina Delane, brasileira,
casada, RG _____, acadêmica do Curso de Licenciatura
Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas na
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Laranjeiras do Sul - PR,
sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do
depoimento oral de caráter científico e documental prestado no dia ____ de
_____ de dois mil e vinte e um. O depoimento será utilizado na
pesquisa de Conclusão de Curso - TCC, de caráter científico. A acadêmica acima
nominada fica conseqüentemente autorizada a utilizar e publicar, para fins
científicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, com a ressalva de
sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, _____ de _____ de 2021.

Assinatura do(a) entrevistado(a)